



A relação crianças-cosmos no Assentamento Visconde: por uma educação ambiental em presença de outros seres¹

Dafne Rozencwaig Souza²

Universidade Federal Fluminense (UFF)

<https://orcid.org/0009-0007-2751-9389>

Lea Tiriba³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

<https://orcid.org/0000-0001-9508-5980>

Lucia Cavalieri⁴

Universidade Federal Fluminense (UFF)

<https://orcid.org/0000-0003-2443-4308>

Resumo: O artigo é fruto da dissertação de mestrado realizada com crianças e mulheres camponesas do Assentamento Visconde, Casimiro de Abreu/RJ. A pesquisa se debruça sobre a relação crianças-cosmos em contexto de base comunitária, na luta agroecológica, investigando com um grupo de crianças, suas mães, avó e outros seres. Indaga posturas antropocêntricas e cosmofóbicas que forjam as relações com outras formas de vida, no cotidiano, na ciência e na política. Tais concepções nos afastam da condição de seres interconstituídos com as demais ontologias. No caminho teórico-metodológico, são instadas a cosmofobia, o perspectivismo ameríndio e as cosmologias indígenas e tradicionais. Como adubo para práticas pedagógicas porvir, a palavra germinante crianças-cosmos, desenvolvida no estudo, pretende produzir dois movimentos: desconcertar e convocar. A pesquisa anuncia a urgência em abrir os estudos das infâncias para ontologias e cosmologias de povos cuja existência se dá na oralidade em terreiros encharcados de presenças.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Infâncias-Natureza. Agroecologia. Assentamento Visconde. Infâncias do Campo.

¹ Recebido em: 30/11/2024. Aprovado em: 05/02/2025.

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: rozen.dafne@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora da Escola de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: tiribalea@gmail.com

⁴ Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF). Email: cavalierilucia@id.uff.br

La relación niños-cosmos en el asentamiento Visconde: hacia una educación ambiental en presencia de otros seres

Resumen: El artículo es fruto de la disertación de maestría realizada con niños y mujeres campesinas del Asentamiento Visconde, Casimiro de Abreu/RJ. La investigación se centra en la relación niños-cosmos en un contexto de base comunitaria, en la lucha agroecológica, investigando junto a un grupo de niños, sus madres, su abuela y otros seres. Cuestiona posturas antropocéntricas y cosmo-fóbicas que forjan las relaciones con otras formas de vida en la vida cotidiana, la ciencia y la política. Tales concepciones nos alejan de la condición de seres interconstituidos con las demás ontologías. En el camino teórico-metodológico, se abordan la cosmo-fobia, el perspectivismo amerindio y las cosmologías indígenas y tradicionales. Como abono para prácticas pedagógicas por vir, la palabra germinante niños-cosmos pretende generar dos movimientos: desconcertar y convocar. El estudio destaca la urgencia de abrir los estudios sobre las infancias a las ontologías de pueblos cuya existencia se fundamenta en la oralidad y en “terreiros” impregnados de presencias.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Infancias-Naturaleza. Agroecología. Asentamiento Visconde. Infancias del Campo.

The Children-Cosmos Relationship at the Visconde Settlement: Towards an Environmental Education in the Presence of Other Beings

Abstract: This article is the result of a master's conducted with children and peasant women from the Visconde settlement, Casimiro de Abreu/RJ. The research focuses on the children-cosmos relationship in a community-based context, within the agroecological struggle, investigating with a group of children, their mothers, grandmother, and other beings. It questions anthropocentric and cosmophobic stances that forge relations with other forms of life, in everyday life, science, and politics. Such conceptions distance us from the condition of being interconstituted with other ontologies. On the theoretical-methodological path, cosmophobia, Amerindian perspectivism, indigenous and traditional cosmologies are urged. As compost for pedagogical practices about to come, the germinating word “children-cosmos” aims to produce two movements: to unsettle and to summon. The study highlights the urgency of opening childhood studies to the ontologies of peoples whose existence is expressed orally in “terreiros” soaked with presences.

Keywords: Environmental Education. Childhoods-Nature. Agroecology. Visconde Settlement. Countryside Childhoods.

Preparo do solo: roçados inventivos

Antes de “Aí vai nascer um pé de cachorro”, é preciso situar as pessoas que nos leem. Começaremos este texto de uma forma diferente, talvez pelo meio, dando um *aú* na escrita. O artigo é composto por quatro momentos, fazemos um convite inusitado para que o/a leitor/a percorra, apenas, as suas três partes iniciais do modo que desejar, reinventando o sentido em um exercício coletivo e especulativo de criação. Explicamos, a seguir, a estrutura com breves insinuações do que pode ser encontrado – estamos em um artigo científico que preza, também por objetivos, metodologia e colheitas.

Munidas de inquietações sobre a relação crianças-cosmos, partilhamos em “Aí vai nascer um pé de cachorro” conversas, acontecimentos, silêncios e imagens do primeiro-último-primeiro dia de pesquisa. Trata-se de compartilhamentos com as crianças, suas mães, avó e os outros seres, todos moradores do Assentamento Visconde,

localizado no município de Casimiro de Abreu/ RJ. Os nomes escolhidos pelas crianças são fictícios, já as mulheres preferiram seguir com os originais, porém não nos deteremos ao processo das escolhas de nomes neste artigo. Nesse primeiro momento, o texto é narrado em primeira pessoa, pois comunica-se diretamente com a dissertação da qual o artigo é fruto.

Em “Aqui se planta uma pesquisa”, trazemos as inquietações que nos movem até o estudo, o que buscamos com ele, como abrimos os caminhos investigativos, quem são as nossas parceiras de pesquisa, com quais autores e autoras dialogamos e a relevância desta pesquisa para diferentes campos, como a educação ambiental e os estudos das infâncias e das crianças. Terreiro e pesquisar em atitude de cambono, ambas mobilizações de Simas & Rufino (2018), também são enunciadas.

“Crianças-cosmos” manifesta dois movimentos que tal palavra germinante pretende produzir: desconcertar e convocar. Ao longo dele, conversamos com as noções de começo-meio-começo e cosmofofia apresentadas por Bispo dos Santos (2020); de perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2018) e de algumas epistemes nativas e contra hegemônicas. Decorre também certo tensionamento sobre a concepção de natureza comumente utilizada e seus sentidos cosmofofícos.

Desde uma perspectiva circular, recomendamos que a leitura de “Adubos por vir: cachorro vira cupuaçu” seja feita por último. Nele arrematamos as possíveis costuras entre os três primeiros momentos do texto, encharcando a educação ambiental, os estudos das infâncias e das crianças com presenças. A confluência de Bispo dos Santos (2020) e a possibilidade do fazer comum de Marisol de la Cadena (2024) também aparecem como palavras germinantes. Talvez, nesse artigo, propomos um bom exercício daquilo que Stengers (2023) chama de ciência lenta “operação exigente que retomaria a arte de lidar e aprender com aquilo que os cientistas frequentemente consideram bagunçado, isto é, que escapa às categorias gerais, ditas objetivas.” (Stengers, 2023, p. 166). Operação essa que se engaja com uma outra ciência possível (Stengers, 2023) comprometida em fazer mundos, imaginando formas de cultivar com e escrever com outros seres.

Aí vai nascer um pé de cachorro

Dafne: O que vocês acham de a gente fazer o enterro dele? Como a gente pode começar?

Algumas crianças respondem: Sim, sim, sim!

Shuri: Vou enterrar a borboleta junto.
 Dafne: Vamos escolher o lugar do...?
 Nanico: Vai ser no céu!
 Mulher Gavião: Que céu garoto? Ele já foi pro céu!
 Viúva-Negra: Bora queimar ele!
 Mulher Gavião: Que queimar?! Não!
 Shuri: Não, ele vai ficar com cheiro de churrasco.
 Viúva Negra: Não... É um tipo de enterro, não é tia? Cremar?
 Dafne: É.
 Shuri: Tá, mas nós não vai cremar ninguém não.⁵
 Mulher Gavião: Ai ó, dando ideia.
 Dafne: A gente não sabe fazer isso [referindo-me à cremação].
 Shuri: Ai eu vou querer comer churrasco, vou querer comer meu sobrinho? Não. Vamos enterrar ele.

A primeira-última-primeira ida ao Assentamento Visconde começou com o enterro do cachorro Seu Nome. Coincidência? Talvez um próximo começo... Seu Nome morreu na madrugada antes de eu chegar lá. Shuri sentiu sua partida em sonhos durante a noite. Cida contou que quando uma pessoa morre, na roça, se diz: “morreu fulano e um cachorro” para que nenhum outro parente da família também se vá com o morto. Shuri então completou “morreu Seu Nome e uma joaninha”.⁶

Cida: Pra lembrar o nome dele lá, pra lembrar que ele tá enterrado lá.
 Nanico: Mas por que não bota: aqui tem um defunto debaixo da terra?
 (Risos)
 (Nanico sai e eu filmo Shuri escrevendo na cruz que ela construiu com dois gravetos)
 Shuri: Dois mil e vinte, dois mil e vinte...
 Cida: Dois mil e vinte dois.
 Dafne: Hoje é que dia?
 Viúva-Negra: As quatro e dez...
 Cida: Que horas que ele morreu Mulher-Gavião?
 Shuri: É... Meia noite e pouco...
 Cida: Ficar vigiando cachorro...
 Shuri: Eu não fiquei vigiei, eu não dormi até ele morrer.
 Cida: Ah tá.
 Shuri: Enquanto ele não morreu, eu não dormi.
 Nanico: Por quê?
 Shuri: Porque eu não consegui dormir.
 Nanico: Por causa de quê?

⁵ As falas transcritas valorizam a manutenção das características das trocas. As formas de dizer e as concordâncias, fora da norma culta da língua portuguesa, marcam o respeito à oralidade. As pontuações com vírgulas, reticências, pontos de exclamação e breves explicações entre colchetes buscam transmitir a atmosfera das conversas, as cadências, os tempos dos diálogos, as pausas.

⁶ Vale ressaltar que a pesquisa foi aprovada pela Plataforma Brasil/ Comitê de Ética. Elaboramos três TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para as crianças, as mulheres e os responsáveis legais. Todos foram devidamente assinados, consentindo o uso de imagens e dados para fins acadêmicos.

Cida: Porque ela queria ver ele dar o último suspiro.

Shuri: Não, eu nem vi não, eu achei que qualquer pessoa ia morrer [pelo que Shuri disse, ela teve insônia e ficou pressentindo que alguém iria morrer, disse que já sentiu isso outras vezes quando estava para acontecer].⁷

(...)

Dafne: Mas você sentiu que alguém ia morrer? Você não sabia que ele tava morrendo?

Shuri: Não, eu sabia que ele tava doente e que ele ia morrer, só que na hora que eu senti que alguém ia morrer, eu não sabia quem era, mas isso sempre acontece, toda vez que alguém morreu, eu sinto...

Homem-Águia retira o filhote da caixa e o leva pendurado pela patinha. Na frente do menino, andava a cadela Amarela que já perdeu muitos filhotes por parir prematuramente, sendo o leite insuficiente para nutrir as crias. Ela toca o caminho para dar adeus a mais um filhote... Nomeei essa experiência de procissão desconcertante. Passamos pela horta e, depois, pelo galinheiro onde estavam um monte de pintinhos recém saídos do ovo, penso comigo: vida-morte-vida, começo-meio-começo, quantas despedidas e nascimentos ao mesmo tempo, em um só tempo(s). Mulher-Gavião pega um pintinho na mão e fala para ele: “seu nome agora vai ser Seu Nome.”.

Mais adiante, Graça avista o seu irmão J. cavando o berço⁸, ela se vira para ele e fala: “aí não, aí não J., aí tem um pé de banana!”. Me sinto confusa... Como respeito esse momento? O que devo falar? Como agir? Percebo que essas sensações conturbadas sobre “o certo a se fazer” me convidam a desacelerar os pensamentos, suspender as respostas, dando vazão a sentir o que está sendo e pode ser daquela despedida. Fico ali, observando os movimentos, filmando as conversas em um zigue-zague de ações simultâneas. Caso fosse um filme, seria uma junção de: cena cavando o berço, cena jogando capoeira, cena subindo na árvore, cena padre no enterro, cena meninas discutindo quem chorava e quem ria, cena plantar cupuaçu, cena enterrar cachorro... A ordem entre elas pouco importaria, pois aconteceu tudo ao mesmo tempo em explosões de espaços/tempos. Eu piscava e o padre Nanico já estava trepado no pé de tangerina com o enterro encerrado. Nos diálogos e situações entre eles também pipocavam as misturas de despedida com brincadeira com alegria com conflitos.

⁷ Apostamos na escolha de emaranhar os acontecimentos de campo na escrita, sem referenciar, a todo o tempo, de onde vem a transcrição e em qual data se deu, pois percebemos que essas constantes referências, ou interferências, travam o fluxo de leitura e a composição textual. Dessa forma, as transcrições dos diálogos são trazidas na demanda de conversar com as reflexões, explodir os significados e criar novas conexões para os leitores, acreditando nos sentidos que podem produzir.

⁸ Em sistemas agroflorestais, a palavra berço é utilizada como substituta de “cova”, pois, ao cavar um local para plantar as mudas, criamos um útero - escuro, quente e úmido - responsável por nutrir as plantas-filhas.

Figura 1: Narrativa 1



Fonte: Dafne Rozencwaig Souza, 2022.

Nanico: Ô Graça, pode ranca uma mexerica?

Mulher-Gavião: Paaara! Isso é um momento triste, seu metido. Momento triste e Nanico quer comer, meu deus esse garoto só pensa em comida.

Graça: Essa não, ranca a de lá que tá madura.

Nanico: Eu vou ser o padre aqui, eu vou falar...

Shuri: Vai ser o padre e tu tá pensando em comer, rapá!

Nanico: Não, eu vou falar bem assim ó: estamos aqui reunidos nessa casa de Deus para... Como é que é mermo?

Figura 2: Narrativa 2



Fonte: Dafne Rozencwaig Souza, 2022.

Nanico: Quem quer brincar de corrida no sapinho?

Homem-Águia: Bora Nanico, capoeira [chamando o irmão para o jogo].

Nanico: Quem quer brincar de corrida no sapinho?

Homem-Águia: Bora Nanico capoeira, bora Nanico!

(Eles começam a treinar, enquanto Renzo planta bananeira)

(...)

Mulher-Gavião: Bora!

Nanico: Você sabe como é o sapinho né, Renzo? [Renzo não respondia e estava sério em volta da cova].

Mulher-Gavião: Vamooo, enterroooo! [gritando para Homem-Águia que plantava bananeira].

Nanico: Olha, é assim, olha Renzo, Renzo, olha Renzo! Assim ó!

Mulher-Gavião: Bora Nanico! Depois você ensina ele, agora é o enterro, bora!

Nanico: Eu não quero.

Graça: É vocês que tem que fazer isso, toma Mulher-Gavião! [Ela entrega a muda de cupuaçu na mão de sua filha, Mulher-Gavião, para ela colocar junto de Seu Nome].

(...)

Renzo: Vem Nanico, seu momento Nanico.

Shuri: Nanico, você tem que orar.

Mulher-Gavião: É.

Dafne: Você não é o padre?

Graça: Então, vão bora!

Shuri: Ô Dafne, a gente faz isso com todos os cachorrinhos nossos que morre, e olha morre cachorrinho...

Dafne: É?

Viúva-Negra: Eu acho que é porque vocês fazem isso.

Figura 3: Narrativa 3



Fonte: Dafne Rozencwaig Souza, 2022.

Shuri: Não Viúva-Negra, é que os cachorrinhos da Amarela nascem tudo cedo, aí eles morrem, porque a Amarela não dá leite.

Graça: Você vai enterrar? Enterra aqui [deu a enxada na mão de Nanico].

(...)

Dafne: Onde você pegou essa tangerina?

Homem-Águia: Ali ó, tia [apontando para árvore]. Não, pode ficar tia. [compartilhando uma das tangerinas comigo].

Viúva-Negra: Dá, eu também quero.

Nanico [fazendo o papel de padre]: Gente, estamos celebrando hoje aqui a morte do filho de Mulher-Gavião que está lá gente, por favor, pode vim. E o outro meu irmão sem falta de respeito tá lá rancando mexerica gente, sabe gente? Ele é muito falta de respeito, ô seu linguarudo, a tia tá te filmando.

(Todos começam a rir muito. Mulher-Gavião cai no chão de tanto rir.)

Nanico: E terminamos o enterro. [ele sai correndo para ir pegar mexerica com o irmão].

Graça: Fala o nome do cachorro! [pedindo a Nanico que já tinha ido embora].

Shuri: Seu Nome.

(....)

Shuri: Aí vai nascer um pé de cachorro!

Dafne: E aí Viúva-Negra, quer dar alguma palavra?

Viúva-Negra: Não [dando uma risada].

Dafne: E você Mulher-Gavião? Tem alguma palavra para dar pro seu cachorro?

Viúva-Negra: Eu tenho, eu tenho! Em minha defesa, todo mundo estava rindo e eu estava chorando [com tom irônico].

Shuri: Mentirosa!

Viúva-Negra: Mulher-Gavião e Shuri estavam pocando de risada, olha lá, filma a cara da criança!

Shuri: Calúnia! Sua caluniosa!

Mulher-Gavião: Eu tava rindo porque Nanico tava de palhaçada.

Viúva-Negra: A gente tava triste pelo cachorro e elas tavam rindo dos outro.

Shuri: Olha, eu fiquei a noite toda acordada por causa dessa criança [se referindo ao cachorro], caraca eu não dormi.

“Aí vai nascer um pé de cachorro!” disse Shuri. Ao lado da muda de cupuaçu foi enterrado Seu Nome, ambos compartilham agora o mesmo berço. Dois bebês na barriga da terra, um morto, outro vivo, entrelaçados em vida. Aos poucos, Seu Nome adubará a muda de cupuaçu, quanto de cachorro terá no cupuaçu? Será ele, ao crescer, um pé de cachorro-cupuaçu adulto? A complexidade presente nesse corpo em crescimento vibra a permeabilidade das fronteiras entre vida e morte. No dia seguinte, por ironia do destino, Graça me ofereceu três frutos suculentos de cupuaçu para levar comigo, lembrei de Seu Nome ao lado do cupuaçu filhote... Quantas minhocas, insetos, excrementos, folhas, peles e minerais estão dentro desse fruto que logo mais eu comeria? Seu Nome algum dia estará também em nossas bocas? A despedida é um até breve, o corpo se vai, mas retorna, recompondo-se na gira com outros contornos: ora cachorro, ora fruto, ora excremento, ora poeira cósmica.

As confusões e bagunças manifestadas pelas crianças em forma de lamentos, risos, escaladas na árvore, jogo de capoeira, reclamações e improvisos também expressam como elas sentem a despedida em meio a um cotidiano que lida com ela frequentemente. Todas ali já perderam bichos por atropelamento, envenenamento ou velhice. Cuidar dessas despedidas, me parece uma relação mais direta com os ciclos constantes da vida, aprender que a morte integra o cotidiano e que esses corpos foram colocados na terra para se transformar, novamente, em terra.

Ao contrário do que, frequentemente, acontece nos centros urbanos onde o lixo desaparece de nossas vistas, a comida se conquista no mercado e a relação com a morte, muitas vezes, é afastada das crianças⁹. Na roça, lançar as cascas de frutas no solo, colher o próprio alimento e matar a galinha para comer no almoço são práticas corriqueiras nas

⁹ É preciso considerar também a relação traumática com a morte que muitas crianças brasileiras vivem cotidianamente nas cidades, em zonas de conflito e de vulnerabilidade social, econômica e ambiental.

quais os ciclos vitais estão diante dos olhos e perto das mãos, se reintegrando na gira. Vale ressaltar que tal percepção, não desconsidera as dificuldades de determinadas despedidas nem pretende totalizar uma certa leviandade na lida com a morte no campo. Existe aí uma implicação que é também de ordem prática, pois, muitas vezes, não existe uma pessoa ou um serviço especializado para resolver certa questão que não você mesmo ou, quiçá, vizinhos próximos.

Figura 4: Narrativa 4



Fonte: Dafne Rozencwaig Souza, 2022.

“Aqui jaz Seu Nome: 2022-2022”, ao fundo da fotografia (Figura 4), as crianças continuam teimando na vida, cutucando a árvore para chover tangerina. As ambiguidades vividas no enterro me lembram de uma das narrativas de Ifã – conjunto de contos e histórias míticas que enredam a cosmogonia iorubana - resgatado por Simas

& Rufino (2019) sobre como os *Ibejis*¹⁰, gêmeos terrivelmente travessos filhos de *Oxum*, espantam *Iku*, a Morte, batendo o tambor encantado. O conto relata que *Iku* estava matando as pessoas do povoado, antes do tempo previsto, com armadilhas deixadas pelo caminho. Sem saber mais o que fazer e a fim de resolver a matança desenfreada, os mais velhos perguntam a *Orunmilá*, que sabia consultar o oráculo do Ifá, o que eles deveriam fazer. Para a surpresa de todos, o oráculo mostrou que somente os *Ibejis* poderiam vencer *Iku*. Os gêmeos e *Idowu*¹¹, o irmão mais novo, aceitam a missão e demandam dois pedidos, caso se saíssem vitoriosos. O primeiro deles consistia no recebimento de doces sortidos e carurus, já o segundo, impedia os adultos de ordená-los a parar de brincar.

De que forma, então, os irmãos detêm *Iku*? A Morte, no momento em que colocava suas armadilhas, escutou o som do tambor enfeitiçado e, ao se deparar com um dos gêmeos tocando, em vez de matá-lo, encantou-se, dançando, cantando e batendo palmas. O corpo de *Iku*, enfeitiçado, não conseguia parar de se movimentar e, já saturado daquela situação, implorou para que os meninos, que se alternavam no tambor, cessassem de tocar. Eles aceitaram com a condição de que *Iku* retirasse as armadilhas e somente levasse as pessoas do povoado quando fosse a hora de cada uma partir. E foi batendo o tambor encantado que os *Ibejis* fizeram a morte vibrar, derrotando-a.

Ifá nos ensina que a morte é o duplo da vida; a mesma, enquanto experiência de passagem pelos ciclos da grande roda, deve ser lembrada, cantada, dançada e alimentada para se emanar na ancestralidade. O contrário disso é o esquecimento, a escassez, a miséria e a injustiça. É aquilo que se expressa no sentimento gerado pelas políticas de mortandade e aniquilamento. A tríade de moleques nos lembra que tocar o tambor da invocação do ser criança é também reivindicar a vida como primado das travessias do tempo. Ser moleque, vadio, inventivo, brincante é estar disponível para o mundo tomado pela força radical da existência: a vida. (Simas; Rufino, 2019, p. 50).

O cachorro que é filho, o pintinho nomeado de Seu Nome, o útero terra com dois corpos: de bicho e de planta, a metamorfose do defunto em futuros frutos, as gargalhadas que pediam seriedade, as suculentas tangerinas na hora do rezo, o enterro brincado... O que dançar com a morte nos faz enxergar em vida? Depois de plantados Seu Nome e o cupuaçu, almoçamos e fizemos uma longa caminhada pelo Visconde até o sítio do erveiro João. Ao retornar para a casa de Graça, um bolo de cenoura com

¹⁰ *Ibeji* é o orixá africano protetor das crianças e representante dos enigmas da dualidade que se compõem sem se anular.

¹¹ Nomenclatura que os iorubás destinam para o primeiro filho que nasce após os gêmeos.

chocolate nos esperava para comemorar os aniversários de Pamela e Mulher-Gavião, celebramos suas vidas, insistimos na festa!

Aqui se planta uma pesquisa

O primeiro-último-primeiro dia de pesquisa no Assentamento Visconde, trazida da dissertação para cá, conversa sobre os embaraços entre vida e morte como constitutivos da própria vida. A presença dos seres bichos, seres árvores, seres frutos, ser tempo (e tantos outros), as brincadeiras, as conversas e os sonhos afirmam, junto a nós, o cosmos em sua relação de composição com as crianças. Festeja-se para espantar os maus assombros e desejar uma boa passagem à alma. Nesse sentido, assente em uma questão tipicamente spinozista sobre o que podem os afetos? Perguntamos: o que podem as florestas, os rios, o vento, o fogo, os encantados e os outros seres na relação com as crianças?

A curiosidade ontológica e epistemológica da dissertação nasceu a partir da inquietude em investigar a relação crianças-cosmos em contexto de base comunitária vinculado à luta agroecológica. Como foco, pesquisamos, entre outubro de 2020 e junho de 2022, a relação entre um grupo de crianças camponesas assentadas com as suas mães, avó e os outros seres cosmológicos do assentamento Visconde, localizado no município de Casimiro de Abreu/ RJ. Desde as vivências nos terreiros (Simas & Rufino, 2018) com as crianças e com as demais ontologias, a pesquisa costurou fios prático-teóricos entre a educação ambiental; as cosmologias originárias e tradicionais; os campos da antropologia da criança e da sociologia da infância; as filosofias contra-hegemônicas e o perspectivismo ameríndio.

A partir dessa confluência de saberes e da experiência em campo-terreiro, algumas questões centrais emergiram: como se constrói a relação das crianças, parceiras da pesquisa, com o cosmos? De que maneiras elas se relacionam com os seres cosmológicos presentes nos terreiros? Como essas crianças manifestam seus saberes e descobertas? A metodologia do estudo foi sendo elaborada à medida que as vivências com as crianças se desenrolavam e novos caminhos eclodiam. Assim, trata-se de uma investigação que se arrisca na experiência, sustentada epistemologicamente pelos campos das pesquisas narrativa e participante.

Terreiro e pesquisadora em atitude de cambono são noções germinantes, compartilhadas por Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2018) que nos apoiam a

elaborar o jeito de se fazer pesquisa. Perceber o assentamento como Terreiro-Cosmos-Visconde é assumir o extravasamento dos limites físicos e da materialidade visível a ele sugestionados, uma vez que a totalidade das narrativas de vida, das práticas encarnadas, das sabedorias ancestrais, da força do vento, da luta pela terra e de diversos outros transbordamentos presentes em Visconde perfuram a contingência materializante. Desde os terreiros, seres visíveis e invisíveis encharcam o chão cheios de ancestralidade, comunitarismo, linguagem e memória, fazendo explodir outros terreiros nas experimentações que os encontros com outras ontologias possibilitam. Como nos diz Rufino (2019, p. 103) “terreiro é o mundo inventado a partir do que ritualizamos nele.”.

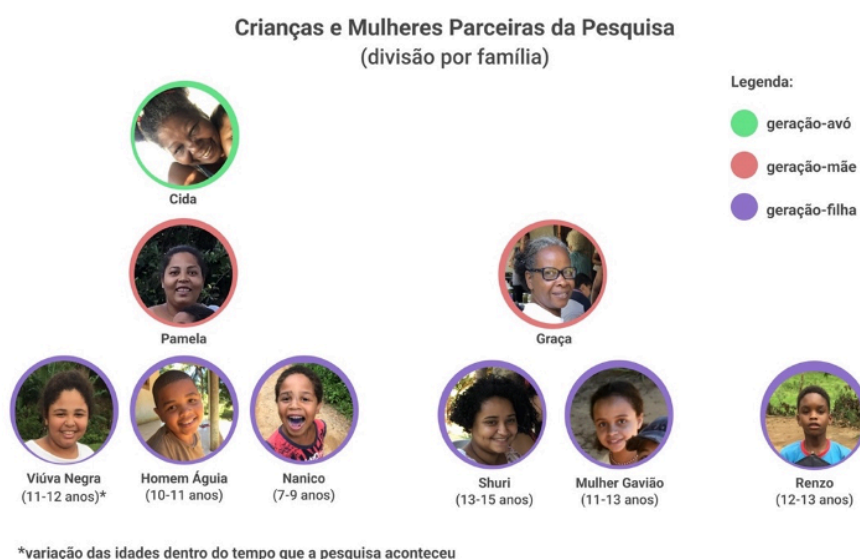
A práxis de uma pesquisadora em atitude de cambono (Simas & Rufino, 2018) se enlaça diretamente com o terreiro por se dar em um fazer aberto diante dos cruzos que emergem nas dinâmicas em coletivo. Envolve constância, flexibilidade, escuta e improviso com os caminhos desconhecidos emergentes, processo pedagógico esse que se vulnerabiliza no encontro com os outros e se coloca à serviço das demandas que possam surgir. Isso significa dizer que pesquisar em atitude de cambono firma compromisso tanto com a abertura aos sopros desestabilizantes, próprios de uma investigação que aposta na experiência, como com a disponibilidade de se fazer presente em situações que estariam fora dos objetivos da pesquisa. O “campo de estudos” tem suas demandas, os parceiros de pesquisa têm suas demandas, as injustiças demandam, de nós pesquisadores/as, atitude de cambono. Os outros seres também negociam conosco a todo momento, assunto que será abordado mais à frente ao pensar com a cosmopolítica (Stengers, 2018).

Nessa direção, conduzimo-nos à contextualização da pesquisa em Terreiros-Cosmos-Visconde com seus seres. O estudo contou com dois anos de convívio com seis crianças¹², Nanico (7 anos), Homem-Águia (10 anos), Viúva-Negra (11 anos), Mulher-Gavião (11 anos), Shuri (13 anos) e Renzo (12 anos), e três mulheres, Cida,

¹² Para fins desta pesquisa e de como ela se propõe a abordar a vida no cosmos, é inadequado assumir uma definição tradicional do ser criança e do ser adolescente baseada na divisão em estágios da vida correspondentes às faixas etárias, conforme acontece na maioria das instituições escolares e das políticas públicas. Nesse sentido, consideramos enquanto criança todos os seis integrantes do grupo, tal escolha reflete o diálogo proposto com as cosmologias indígenas e tradicionais, bem como exprime o modo, percebido durante a investigação, de como as crianças tratavam umas às outras e de como eram consideradas pelas mulheres.

Graça e Pamela, dentro de seus sítios-terreiros (Figura 5). Os núcleos familiares são formados pela liderança de mulheres envolvidas na luta agroecológica. Observamos que o contexto agroecológico em que essas crianças estão inseridas, marcado pelas lutas de suas mães e avó pelo direito à terra e pela participação no movimento agroecológico, é o que lhes permite, hoje, viver infâncias em continuidade com outros seres cosmológicos.

Figura 5: Quadro ilustrativo das crianças e mulheres, parceiras da pesquisa, divididas por famílias



Fonte: Dafne Rozencwaig Souza, 2021.

A decisão em fazer acontecer a investigação com essas pessoas se deu a partir de um encontro inusitado com Cida na 6ª edição do Mercado Fundação Sustentável, feira de Cultura e Agroecologia, realizada na Fundação Progresso em dezembro de 2019. Cida estava expondo seus produtos em uma barraca coletiva do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres Serra Mar¹³ e um cartaz atrás dela, com informações sobre o grupo, chamou a atenção. Após conversa sobre nossas vidas, a militância na agroecologia e o interesse de estudo no mestrado, ela fez o convite para conhecer o Visconde e sua família. Em

¹³ Criado em 2017 dentro da AASM (Associação Agroecológica Serra Mar), é uma rede formada por agricultoras rurais e urbanas, na condição de assentadas da reforma agrária ou pequenas proprietárias, viveiristas, artesãs, feirantes, saboeiras – mulheres negras, majoritariamente -, técnicas, estudantes e professoras dos municípios de Casimiro de Abreu, Rio das Ostras, Silva Jardim, Nova Friburgo e Magé. Em consonância com a luta agroecológica, defende a soberania alimentar, o acesso à terra, às sementes, à água e a garantia dos direitos das mulheres.

janeiro de 2020, Dafne viajou até o assentamento e em agosto, do mesmo ano, mudou-se para o município de Casimiro de Abreu/ RJ para realizar a pesquisa e experimentar outra vida.

Nessa perspectiva, a escolha pelas parceiras de pesquisa não foi aleatória. Junto ao engajamento no movimento agroecológico, há o desejo de fortalecer e aprender com os modos singulares dessas crianças de viver, interpretar e sentir o mundo, anunciando outras maneiras de se relacionar com o cosmos. Aqui, o fazer científico é fortemente entrelaçado com a sabedoria das crianças, pois, se desejamos (e necessitamos) de outras respostas para sustentar o céu (Kopenawa; Albert, 2015), decerto não será com o modo cosmo-fóbico (Bispo dos Santos, 2020) com o qual temos conduzido a educação até agora. O desemparedamento, proposto por Tiriba (2018), é um importante dispositivo da quebra paradigmática moderna, pois rompe com a perspectiva ontológica e epistemológica que o conhecimento se dá pela via da razão antropocêntrica. São nos espaços ao ar livre, nos territórios, nas matas, nos rios, em interconstituição com os outros seres, que nos afetamos. É impossível seguir vivendo em escolas entre paredes e chãos concretados que nos afastam da condição existencial, de ser em compartilhamento.

Os estudos do grupo de pesquisa GiTaKa/UNIRIO (Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental) que proporcionou a gestação desta pesquisa, têm concentrado esforços na investigação da relação das infâncias indígenas, tradicionais e camponesas com o cosmos. Temos observado o papel central que o cosmos desempenha nos processos de constituição e educação nas comunidades e aldeias. São essas infâncias que nos impulsionam a anunciar pedagogias outras, combativas ao modelo eurocêntrico dominante, afirmando as crianças como seres imbricados ao cosmos.

A partir da experiência com as crianças do Visconde, em contexto de intensa proximidade com outras ontologias, torna-se impossível não notar como se costuram as relações, os saberes, as brincadeiras e a própria constituição enquanto seres entrelaçados aos demais. São nos rios que experimentam as primeiras braçadas, são das pequenas roças que brotam boa parte dos alimentos e medicinas, são com as árvores que vivenciam os ciclos de vida e morte, porém são também com esses seres que conhecem os riscos de uma picada peçonhenta ou da queda de um galho alto.

No entanto, onde e como estão retratadas essas infâncias camponesas, tradicionais ou indígenas? O que viemos validando, até agora, sobre as crianças, suas infâncias e a relação com o cosmos, tanto nos espaços acadêmicos e institucionais quanto nos processos de formação docente, nas políticas públicas de educação e na elaboração de currículos? Como o cosmos tem sido compreendido? Seguimos com perspectivas cosmo-fóbicas (Bispo dos Santos, 2020) e epistemicidas que nos desvinculam da condição que é própria à existência — o estado de interconstituição com os outros seres. Ao rejeitarmos tal condição biofílica, inegociável à vida, com pedagogias e práticas desvitalizadoras, despotencializamos os diferentes modos de ser criança(s) e de experimentar suas infâncias.

Nessa demanda, é inadiável incorporar aos campos de estudo das crianças e das infâncias, perspectivas que ratifiquem ontologias, cosmologias, epistemologias, os saberes das crianças e os modos de sentir o cosmos nas suas múltiplas dimensões enquanto fundamento de nossa constituição — seres humanos-cosmológicos. É essencial firmar pedagogias entrelaçadas aos outros seres que estabeleçam como principal compromisso a vida em compartilhamento.

Dessa forma, a pesquisa se propôs a refletir sobre as relações, as brincadeiras e os diálogos que emergiam da convivência com as crianças, as mulheres e os demais seres do Visconde, com o objetivo de anunciar diferentes modos de ser e de estar com o cosmos. A investigação caminha pelo reconhecimento de que outros seres agem em processo de composição e negociação permanente conosco, gerando as existências uns dos outros. A proposição do estudo partiu, então, do seguinte desejo: experimentar junto com as crianças como se dão suas relações com as outras ontologias em seus terreiros.

Crianças-cosmos

A vida é começo, meio e começo. A vida não tem fim, porque se o mundo é redondo, é exatamente circular tudo que acontece nesse mundo. E na roda não tem fim, a roda é começo meio e começo, em qualquer lugar da roda é começo e em qualquer lugar da roda é meio.¹⁴ (Bispo dos Santos, 2020).

Ecoamos as palavras de mestre Nêgo Bispo, importante liderança quilombola afropindorâmica¹⁵, que ancestralizou no fim de 2023 e se fez tão essencial para esta

¹⁴ Transcrição nossa. Original disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>. Acesso em: 28/05/2024.

¹⁵ A denominação “afropindorâmico” é uma criação de mestre Nêgo Bispo para referenciar os povos quilombolas, negros e indígenas.

pesquisa. Ao palavrear sobre a circularidade do tempo, Bispo dos Santos inclui as crianças na gira ancestral que, segundo ele, é começo (geração neta) - meio (geração mãe) - começo (geração avó). As noções de ciclicidade e ancestralidade trazidas pelo mestre, nos convocam a refletir sobre as crianças como seres fundamentais do cosmos, cheias de desejos, práticas e saberes que agem em processo de composição com os demais seres.

Aqui, com a circularidade de começo-meio-começo girando na estrutura do artigo, expressamos o cosmos, anunciado anteriormente. De acordo com as proposições deste estudo e de como ele reflete sobre a vida em compartilhamento, a palavra natureza foi substituída por cosmos, não como tentativa de uma paz final (Stengers, 2018), mas no intento de realizar dois movimentos: convocar e desacomodar, debatidos mais adiante. Contudo, tal proposta não busca condenar a palavra natureza, trazida em tantas pesquisas relevantes aos campos sobre as crianças e as infâncias. Descartar o termo seria, também, uma postura colonialista. Porém, por compreendermos certa gastura na palavra, carregando consigo algumas representações utilitaristas, cenográficas, interacionistas e extrativistas, investimos no cosmos como opção ontológica e epistemológica, opção desacomodada e convocadora.

Plantas, rochas, bichos, vento, água, astros, divindades, entre outros, geralmente são nomeados como elementos da natureza ou entendidos como a própria natureza. Ao passo que nós, gente, somos percebidos como humanos em uma relação vertical de sapiência e poder, apartada dos demais e que vivencia a sua cultura dentro de um cenário comum - a natureza. Na perspectiva firmada ao longo deste estudo, a dimensão cosmológica deseja avivar a percepção para o emaranhado complexo (Najmanovich, 2016) em que nos encontramos. Entrelaçados com outras ontologias, povoados por divindade, ancestralidade, memória e relações invisíveis. Ser enquanto estado de interconstituição com as diversidades que encharcam o cosmos.

Para corporificar melhor essa ideia, trazemos Carlos Papá (2021), indígena Guarani Mbya, que expande *Nhe'ery* para além da tradução direta do guarani ao português cujo significado seria Mata Atlântica. Tal denominação, forjada pela ciência que a define como uma mata formada próxima ao mar com certos aspectos ecológicos e geomorfológicos, apaga o mistério e as origens cosmológicas. Esta conceituação difere de *Nhe'ry* que, segundo Papá, é “onde os espíritos se banham, por isso nós devemos respeitá-la e sempre estar em diálogo com ela e, com isso, *Nhe'ery* pode nos mostrar

como viver melhor, trazendo uma luz no caminhar em direção ao *Teko Porã* (Bem Viver)!”¹⁶.

Germinamos o cosmos junto das crianças com alguns desejos e inquietações. Desestabilizar a noção que vêm se desenhando na relação crianças-natureza, diretamente no que se entende enquanto natureza, ente comum estático, posicionada em uma perspectiva de uso, de cenário, de bem comum e apartada da condição humana. Desestabilizar no sentido de uma proposição cosmopolítica (Stengers, 2018), fazendo gaguejar as certezas, ruir as generalizações, causar estranheza, desacomodando as convicções sobre tal relação. Como seria, então, pensar as crianças em presença (Stengers, 2018) das ontologias de diferentes povos? O que acontece quando fazemos entrar em nossas práxicas com crianças a multiplicidade, as associações de mundos divergentes, os/as encantados/as, os rios, as matas, a ancestralidade, as práticas cosmológicas que não aceitam uma representante comum para falar de si?

O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos. (Stengers, 2018, p. 447).

Porém, não se trata aqui de uma simples substituição de termos, cosmos por natureza, pretendendo, assim, uma apaziguadora paz final (Stengers, 2018), como já afirmado, para a questão em disputa. Propomos que a palavra germinante cosmos realize dois movimentos: desacomodar e convocar.

Desacomodar. Produzir um primeiro abalo sísmico, fazer o chão tremer, pipocar os brotos da germinação, abrindo os caminhos para outros olhares sobre a relação das crianças com o cosmos. O que podemos gerar nos/as leitores/as ao se deparar com a composição crianças-cosmos? O que tal combinação semântica abre enquanto possibilidades para os campos investigativos sobre as crianças e as infâncias?

Convocar. O cosmos chama, encharca de oralidade, de ancestralidade, de encantarias, de ontologias, de memórias, de narrativas, de práticas, de saberes o

¹⁶ Explicação dada em guarani por Carlos Papá ao responder à pergunta “o que é *Nhe’ery*?” no vídeo intitulado “*Nhe’ery*” produzido pelo Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida - em parceria com Carlos Papá. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida. Acesso em: 20/11/2024.

entrelaçamento com as crianças. O desejo é produzir movimento. Uma palavra germinante que se desdobra, se refaz e se recria no presente. A partir dessa convocação, trouxemos aqui os interstícios emergidos.

Em vez de pensar que há uma só ontologia (um só mundo, objetivo, dado), para várias epistemologias (vários “modos de conhecer”), é preciso considerar que ontologias e mundos também são feitos, e a ciência assumiria, assim, seu caráter experimental e especulativo, o que não significa abrir mão de sua objetividade, mas sim de afirmar que esta é também um fato político, da mesma maneira que a política não deixa de estar enraizada em uma ontologia particular. (Sztutman, p. 86, 2019).

Objetificar, fragmentar, separar e instrumentalizar são leituras sobre uma natureza apartada do ser humano e da cultura, vivida como pano de fundo comum universal e sob a lógica do relativismo multicultural (Viveiros de Castro, 2018) na qual a cultura, em oposição à natureza, daria conta de toda a dimensão particular da espécie humana. O rio é ancestral, o vento é ancestral, a árvore é ancestral, a floresta é ancestral, a montanha é ancestral. “Assim é” como afirma incontáveis vezes Davi Kopenawa no livro *A queda do céu*. Segundo o xamã *yanomami*, alguns espíritos dos seus ancestrais se metamorfosearam na forma animal depois da primeira queda do céu, porém, apesar de se apresentarem enquanto caças, nunca deixaram de ser humanos. Essa condição humana, então, se apresenta de diferentes modos no cosmos, não se restringindo a uma abstração de unidade, o homem, como medida das coisas.

Os animais são como humanos. Nós ficamos satisfeitos quando nossas roças se enchem de cachos de bananas e de pupunhas; eles ficam felizes quando há muitos frutos nas árvores da floresta. Estes são o alimento deles assim como aqueles são os nossos, pois os animais que caçamos são os fantasmas de nossos ancestrais transformados em caça no primeiro tempo. Uma parte desses antepassados foi arremessada no mundo subterrâneo quando o céu desabou. Outra ficou na floresta, na qual nós também viemos a ser criados e, virou caça. Damos a eles o nome de caça, mas o fato é que somos todos humanos. Assim é. (Kopenawa; Albert, p. 214-215, 2015).

Segundo a ideia do perspectivismo ameríndio, atribuída às cosmologias ameríndias por Viveiros de Castro (2018), no pensamento ocidental moderno, se revela a noção de um relativismo multiculturalista, ou seja, a existência de uma só ontologia (seres ditos como humanos) para diversas epistemologias (políticas de conhecimento) que habitam uma natureza estática, universal e cenográfica. Em oposição a essa lógica, o perspectivismo ameríndio parte de uma ontologia multinaturalista, afirmadora da diversidade de manifestações ontológicas (muitas naturezas) que compartilhariam o fundo comum de humanidade.

Desse modo, todos os habitantes do cosmos são gente, sujeitos para si mesmos. A humanidade - ou mesmo o que chamamos de cultura – não seria atributo de uma espécie única, mas sim algo imanente que permanece de fundo. O que varia é o que chamamos de natureza: o ambiente, os corpos. Por isso, o perspectivismo ameríndio deve ser compreendido dentro de uma ontologia multinaturalista (também um pluralismo ontológico) que contrasta fortemente com as ontologias mononaturalistas (donde emerge o multiculturalismo). Conforme explicita o antropólogo Renato Sztutman:

Como insiste Viveiros de Castro em *A inconstância da alma selvagem* (2002), a perspectiva está nos corpos, conjuntos de afecções mais do que organismos. A mudança de perspectiva seria, assim, uma metamorfose somática e se ancoraria na ideia de um fundo comum de humanidade, numa potencialidade anímica distribuída horizontalmente no cosmos. Se o perspectivismo é o avesso do antropocentrismo, ele não se separa de certo antropomorfismo, fazendo com que prerrogativas humanas deixem de ser exclusividade da espécie humana, assumindo formas as mais diversas. (Sztutman, 2021, p. 41).

Em confluência com tais cosmologias e perspectivas, procuramos horizontes que compartilhem possibilidades de perceber o cosmos de maneira imbricada com os demais seres e com as crianças. Rememoramos a citação de Ailton Krenak (2019, p. 24): “quando despersonalizados o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo de humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.”. No movimento de deslocar essa frase para dentro deste estudo, nós a modificaríamos, afirmando que ao retirar dos seres cosmológicos seus sentidos políticos e ao desconsiderar a relação de interconstituição com as crianças, liberamos esses seres para que se tornem objetos e cenários dentro de nossas pesquisas, confinando-os em perspectivas utilitaristas e interacionistas.

Como é *sentipensar* os outros seres enquanto constitutivos do cosmos na relação com as crianças? No começo do artigo, na experiência do enterro brincado, reconhecemos suas presenças na vadiação com a morte, na transformação de corpo cachorro em corpo cupuaçu, na insistência das crianças em fazer chover tangerinas do pé, na hora do rezo para despedida, nas gargalhadas com tempo e em tantos atravessamentos narrados ao longo da dissertação.

Bispo dos Santos (2020) explica que a destituição dos sentidos políticos da natureza, ou seja, o ato de negar as agências das demais ontologias na participação da

vida cotidiana decorre da doença colonial intitulada cosmofobia - o medo da natureza instaurado pela sociedade euro-cristã colonialista.

Para Bispo, a cosmofobia é a doença gerada e vivida pelo colonizador: a sociedade euro-cristã colonialista. Ela reproduz ontológica e epistemologicamente, há séculos, um modo de estar nesse mundo pautado pelo medo instituído por Deus. Quando Adão e Eva comem do fruto proibido do conhecimento são condenados a viver na terra amaldiçoada, trabalhando como castigo. Já para os povos de matrizes politeístas, segundo Bispo, a terra é sagrada e as divindades povoam a vida. Vive-se em compartilhamento com o Cosmos e o conhecimento advindo da Natureza, a maçã e a serpente, configuram o denominado saber orgânico. (Cavalieri *et al.*, 2021, p.3).

Contra a cosmofobia, Nêgo Bispo anuncia a guerra das denominações, criando palavras germinantes que, sustentadas pelas suas reflexões sobre o cosmos, realizam permanente luta contracolonial. Povoado por sabedorias desde sua geração-avó (como chama os mais velhos), Bispo dos Santos transflui seus conhecimentos com diferentes cosmologias politeístas para confluir em criação cosmológica.

A brincadeira das crianças, durante o enterro festejado de Seu Nome, é um acontecimento cosmopolítico de muitos mundos, comunicação cosmológica entre seres visíveis e invisíveis, por isso antídoto contra a cosmofobia. No brincar das crianças, as agências ontológicas retomam¹⁷ os sentidos políticos da natureza, manifestando suas presenças. Os *Ibejis* vadiam com a morte, as crianças gargalham durante a despedida de Seu Nome. “Assim é”. Imagine, por alguns instantes, a imagem de um “pé de cachorro cupuaçu”, o que ela te conta?

A dubos por vir: cachorro vira cupuaçu

“Eu tô falando que os ETs existem, porque eu quero que eles existam, eles vão existir, porque a minha imaginação é mais forte que eles.”. A frase foi dita por Shuri em um de nossos encontros quando as crianças contavam sobre a existência da área 51 e dos ETs residentes nela. Voltemos, agora, à imagem do pé de cachorro cupuaçu e à complexa teia de relações implicada na transição entre corpo bicho e corpo fruto. A priori, a área 51, os ETs e o pé de cachorro cupuaçu seriam considerados, pelos adultos, como de mentira e a possível postura seguinte seria a deslegitimação do fabular, anulando suas existências.

¹⁷ Utilizamos o verbo retomar como alusão ao movimento político, liderado principalmente por povos indígenas, que reivindica a devolução de suas terras originárias, usurpadas desde a colonização portuguesa. A retomada também é uma reafirmação de suas identidades étnicas, denunciando toda a violência ontológica e epistemológica vivida há séculos.

Contudo, o ponto aqui não é bifurcar na validação, ou não, de tais percepções, reiterando a divisão adultocêntrica cosmo-fóbica entre aqueles que sabem (os adultos) e aquelas que acreditam (as crianças). A questão é de outra ordem, ela se dá ao refletir sobre quais são os efeitos produzidos pelos saberes das crianças na nossa forma de conhecer. Como se dá a composição entre esses mundos. Portanto, não nos diz respeito interpretar o que as crianças dizem ou fazem, o que nos instiga é cultivar a possibilidade de experimentação com elas, atentas à diferença como pressuposto radical da produção de conhecimento. Marisol de la Cadena (2024), ao refletir sobre as questões implicadas no exercício de tradução entre mundos com os *runakuna*, destaca que o fazer comum é feito de conexões parciais. Nesse sentido, na produção do comum existe a permanência nas diferenças, ou seja, a prática de mundificar não implica na produção de um só mundo - uma só voz -, mas na criação de muitos mundos que se intrapenetraram produzindo comuns.

Parafraseando: meu mundo estava incluso no mundo que meus amigos habitavam e vice-versa, mas o mundo deles não poderia ser reduzido ao meu, nem o meu ao deles. Conscientes dessa condição de um modo que não precisa ser expresso em palavras, nós sabíamos que nosso estar juntos unia mundos que eram distintos e também o mesmo. E em vez de manter a separação que a diferença causava, nós escolhemos explorar a diferença juntos. Usando as ferramentas de cada um de nossos mundos, trabalhamos para entender o que podíamos sobre o mundo do outro e criamos um espaço compartilhado que era também composto por algo que era incomum para cada um de nós. (De la Cadena, 2024, p. 48).

O fazer comum relaciona-se diretamente com a palavra germinante confluência de Nêgo Bispo que, ao nos contar sobre o encontro entre dois rios, afirma que um rio não deixa de ser rio ao encontrar com outro rio, ambos confluenciam, se ajuntando sem se misturar e, assim, tornam-se mais fortes. O encontro entre dois não gera uma terceira coisa misturada, ele mantém a conexão mesmo na diferença entre entidades. No exercício de fazer comum e confluenciar com as crianças, perguntamos: o que a ideia de um pé de cachorro cupuaçu pode produzir enquanto desdobramentos para se pensar o cosmos na relação com as crianças?

Nessa perspectiva, pensar sobre a relação crianças-cosmos nos desloca a perceber o brincar como enfrentamento à cosmo-fobia, pois na brincadeira há mundificação (De la Cadena, 2024) com os outros seres. Neste estudo, o cosmos junto das crianças realiza, os dois movimentos - desacomodar e convocar -, buscando retomar os sentidos políticos da natureza em uma composição cosmopolítica que afirma a

negociação contínua entre ontologias. Conforme enuncia o título do último livro escrito por Bispo dos Santos (2023): a terra dá, a terra quer.

A provocação adubadora, para a educação ambiental, é pensá-la em presença (Stengers, 2018) das outras ontologias. As palavras germinantes cosmos e terreiro são importantes contribuições para tal campo, na medida em que fissuram os conceitos de natureza e meio ambiente comumente utilizados. Concepções estas tão distantes dos modos de vida nas aldeias, quilombos e comunidades onde diversidades ontológicas e cosmológicas povoam os terreiros. A presença do terreiro-território é inseparável nas vidas dos povos e das comunidades originárias, tradicionais e camponesas. É desde suas cosmologias, como percebem, sentem e olham para o cosmos na relação com as crianças que as pesquisas do GiTaKa/UNIRIO vêm se constituindo.

Ao refletirmos sobre a relação constitutiva entre as crianças e o cosmos junto às cosmologias originárias e tradicionais e à experiência em campo-terreiro, anunciamos outros modos de conceber, sentir e ser na relação com as demais ontologias. Se as escolas são os lugares onde as crianças e os adolescentes passam boa parte de seu dia, é inadiável criar processos de ensino-aprendizagem conectados aos territórios e comprometidos com os outros seres, pois se queremos criar outros horizontes, precisamos dialogar com os espaços que os produzem.

Com essas ideias compostáveis, mobilizamos para os estudos sobre as crianças e as infâncias, nos diferentes campos científicos, perspectivas que afirmam ontologias, cosmologias, epistemologias, os saberes das crianças - formas de sentir o cosmos nas suas múltiplas dimensões de relacionamento enquanto constitutivas de nós, seres humanos-cosmológicos. É preciso firmar pedagogias em conexão com os outros seres que sejam biofílicas, potencializadoras e propulsoras de axé e, que como fim último, tenham como compromisso a vida em compartilhamento.

Começando novamente nas voltas que o mundo dá, há uma radicalidade manifesta no termo cosmos tanto ao colocá-lo junto às crianças, na palavra germinante crianças-cosmos, como nas composições em cosmofofia e cosmopolítica. Os movimentos de desacomodação e convocação, propostos aqui, carregam, para os campos da educação ambiental, dos estudos das crianças e das infâncias, o cosmos sem paz universal. Cosmos na encruzilhada é um radical a ser vivido com as crianças em presença de outros seres.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. In: **Metafísica da rede Debate**: Cosmopolítica e Cosmofobia, disponível em Canal do PPGu UnB, 2020.
<https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo> Acesso em 28/05/2024.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CAVALIERI, Lucia; ROZENCWAIG, Dafne Souza; MOREL, Ana Paula. 2021. Proposições Cosmopolíticas para a Educação Ambiental: Contribuições de Nêgo Bispo contra a Cosmofobia. In: **40ª Reunião Nacional ANPED**, Resumo Expandido, Rio de Janeiro, p. 1-5.

DE LA CADENA, Marisol. **Seres-terra**: cosmopolíticas em mundos andinos. Tradução de Caroline Nogueira, Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NAJMANOVICH, Denise. In: **CIMODE 2016**: La Trama de la Complejidad, disponível em Canal do Centro Audiovisual Mediateca FADU UBA, 2016.
https://www.youtube.com/watch?v=Pk2RSShVMe0&t=367s&ab_channel=CentroAudiovisualMediatecaFADUUBA. Acesso em 15/10/2024.

PAPÁ, Carlos. In: **NHE'ERY**, disponível em Canal do Selvagem ciclo de estudos sobre a vida, 2021.
https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudosobreavida. Acesso em 20/10/2024.

ROZENCWAIG, Dafne F. S. **Crianças-Cosmos**: uma pesquisa com crianças do campo em seus terreiros. 2022. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023.

SZTUTMAN, Renato. Um acontecimento cosmopolítico: o manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. In: **Mundo Amazônico**, 10(1), p. 83-105, 2019.

SZTUTMAN, Renato. O animismo hoje: de conceito antropológico, na era da covid-19 o termo passou a significar também resistência. In: **Revista Cult**, São Paulo, n. 273, p.40-43, set. 2021.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como Direito e Alegria**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: Elementos para uma Antropologia Pós Estrutural. São Paulo: Ubu Editora N-1edições, 2018.